

COMPOSIÇÕES DESEJANTES: POR UMA PRODUÇÃO DE NOVOS MOVIMENTOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO DOCENTE

DESIRING COMPOSITIONS: FOR A PRODUCTION OF NEW CURRICULAR MOVEMENTS IN THE TEACHING FORMATION

Vânia Cristina da Silva Rodrigues¹

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa em andamento que traz para as discussões curriculares sobre formação de professores o conceito de desejo como produção a partir de uma perspectiva filosófica. Com base, especialmente, nas teorizações de Deleuze e Guattari, junto a algumas ações desenvolvidas com alunos(as) da disciplina de estágio supervisionado da Licenciatura em Matemática questiona-se a ideia de estudantes e professores desejáveis construídos em textos curriculares. A partir de resultados de pesquisas, argumenta-se que os estudantes e professores desejáveis compõem uma engrenagem social que colabora para um funcionamento neoliberal. Tal ponto de partida possibilita problematizar o que se tem desejado nos currículos, e como o desejo ao ser tomado de outros modos pode impulsionar e expandir a força de movimentos coletivos na/da escola e, assim, criar resistências às políticas neoliberais e neoconservadoras e produzir novos movimentos curriculares.

Palavras-chave: Formação de professores; desejo; currículo.

Abstract: This work is an excerpt from an ongoing research that brings to the curricular discussions about teacher training the concept of desire as production from a philosophical perspective. Based, especially, on the theorizations of Deleuze and Guattari, together with some actions developed with students of the supervised internship discipline of the Mathematics Degree, the idea of desirable students and teachers built on curricular texts is questioned. Based on research results, it is argued that desirable students and teachers make up a social gear that contributes to a neoliberal functioning. Such a starting point makes it possible to problematize what has been desired in teacher education curricula, and how the desire to be taken in other ways can boost and expand the strength of collective movements in / from the school and, thus, create resistance to neoliberal policies. and neoconservative and to produce new curricular movements.

Keywords: Formation of teachers; desire; curriculum.

Introdução

Por não querer me atrapalhar com definições complicadas, eu proposita denominar desejo a todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar; de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores. Para a modelização dominante [...] essa concepção do desejo é totalmente utópica e anárquica (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 215-216).

Este texto tem por objetivo mobilizar a teoria de Deleuze e Guattari para problematizar o que se tem desejado nos currículos de formação de professores de matemática e como o desejo pode ser tomado de outros modos ao se considerar o encontro de alunos(as) enquanto estagiários(as) com movimentos coletivos.

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro, MG, Brasil.

As linhas de escrita se compõem a partir das escritas dos(as) alunos(as) em formação, produzidas na disciplina de Estágio Supervisionado, quando eles(as) puderam relatar as possibilidades e dificuldades do desejar no currículo e como os desejos produzidos na coletividade deram fluxo à outras criações curriculares. O material foi constituído a partir dos registros dos(as) alunos(as) enquanto estagiários(as) do curso de Licenciatura em Matemática em uma escola pública do Ensino Básico do Estado de Minas Gerais.

Os(as) estagiários(as), operando com aquilo que sai do padrão – o não previsto, o inesperado, o que acontece fora dos engessamentos, o que escapa ao controle –, ecoam em seus escritos as formas como os agenciamentos constituídos no período do estágio produziram pensamentos outros que envolveram a escola, o currículo e, particularmente, as suas formações. Tais produções discursivas foram realizadas sob a orientação da autora deste artigo, em qualidade de professora da disciplina, procurando problematizar o que afetou os(as) estagiários(as) a tal ponto que entornou em suas escritas.

A proposta deste trabalho parte da ideia de que o currículo é mais que uma seleção de conteúdos e que tal seleção diz muito sobre quem se quer “formar”, pode-se pensá-lo como um potente instrumento na construção de sujeitos desejáveis, “afinal um currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão seguir aquele currículo” (SILVA, 2005, p. 15). Os textos curriculares ao assumirem um papel regulatório produzem apagamentos de subjetividades e multiplicidades culturais, ou seja, produz “modos de existência” (DELEUZE, 2013, p. 120).

Os textos curriculares² teorizam e produzem uma narrativa que prescreve como a educação deveria ser. Assim também descrevem e propõem como poderia ser um comportamento desejável de um cidadão dito “qualificado e produtivo” para a sociedade por meio de discursos que compõem processos de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, o currículo pode estar estreitamente relacionado com a produção de desejos a favor de uma engrenagem neoliberalista fortalecendo um modo de existir no mundo. No que se refere a formação docente, por exemplo, formar “um professor capaz de dar continuidade a seu próprio processo de aprendizagem, um cidadão responsável e participativo, integrado ao projeto de sociedade em que vive e, ao mesmo tempo, crítico e transformador” (CUNHA, 2004, p. 18).

Assim, em diálogo com Deleuze (1998), Deleuze e Guattari (2011), Deleuze (1997), Spinoza (2009), Paraíso (2009, 2010, 2015), Carvalho (2016), dentre outros, argumenta-se que o desejo, entendido como processo e produção e não como falta, impulsiona e expande a força de ação coletiva na/da escola, para criar resistências às políticas neoliberais e neoconservadoras e inventar novos movimentos curriculares. O “desejo, assim visto, é construtor, constrói mundos, subjetividades, realidades [...] se faz em agenciamentos [...] produzem sentidos” (COELHO; FARINA, 2010, p. 203), além disso, torna-se potência, força subversiva revolucionária. É coletivo e nasce dos encontros e/ou das relações estabelecidas, por exemplo, no contexto escolar.

Currículos: espaços de produção de sujeitos desejáveis

Spinoza (2009), em seus estudos sobre os afetos, propõe uma definição de desejo que abriga os esforços, impulsos e apetites que variam de acordo com os encontros entre corpos. Esforços que se movimentam para perseverar a própria existência. Ou seja, para Spinoza o desejo, o esforço para perseverar a vida, é essência do homem, mas é essência em movimento, já que o desejo acontece quando se dá o encontro de corpos. Spinoza explica que “o desejo de um indivíduo discrepa do desejo de um outro, tanto quanto a natureza ou a essência de um difere da do outro”.

² “Currículos prescritos, orientações curriculares, os currículos nacionais, estaduais, municipais, os projetos pedagógicos, os planejamentos de disciplinas, de aulas, entre outros” (SILVA, 2018, p. 212).

Ele ainda propõe que esse desejo pode ser com ou sem consciência e se movimentam de modo instável tendendo à tristeza ou alegria, como afetos primários, desmembrando-se também em outros muitos afetos.

Compreende-se, aqui, portanto, pelo nome de desejo todos os esforços, todos os impulsos, apetites e volições do homem, que variam de acordo com o seu variável estado e que, não raramente, são a tal ponto opostos entre si que o homem é arrastado para todos os lados e não sabe para onde se dirigir (SPINOZA, 2009, EIII - DA 1).

Mesmo com toda a instabilidade, Spinoza demonstra que é pelo desejo que o homem age. E, por isso, destaca a importância de estudar os afetos, os desejos.

A partir destas ideias, Deleuze e Guattari (2011) propõem outras discussões sobre o desejo, relacionando-o às máquinas sociais, em especial ao capitalismo. Segundo Silva (2000) os autores através deste novo conceito de desejo desvinculado da falta, retiram o desejo de sua articulação limitada ao sujeito e suas subjetividades, para lançá-lo no âmbito político e social. “Não se trata de o adaptar de o socializar, de o disciplinar, mas de o ligar de tal maneira que o seu processo não seja interrompido num corpo social e que produza enunciações coletivas” (DELEUZE, 2010, p. 337). Nesse sentido, para Deleuze e Guattari o desejo é revolucionário, uma vez que consiste na construção de máquinas que, se inserindo no campo social, são habilitadas a se lançar, a fazer saltos, provocando deslocamentos e fissuras no tecido social.

Um desejo fabricado em um processo, um circuito de construção de si mesmo, que a cada volta se torna diferente, um desejo como produção de produção, uma usina ocupada por máquinas desejantes, as quais se conectam, se ligam, se agenciam, se produzem no social, no coletivo, continuamente - uma produção desejante - criadora de realidade. Desse modo, “vocês nunca desejam alguém ou algo, desejam sempre em um conjunto” (DELEUZE, 1998). Um conjunto de diferentes elementos que produzem algo em comum. Um comum que cria outros possíveis, outras realidades.

No entanto, tal desejo é deslocado pelas máquinas sociais ao colocar em risco modos de existência conservados na sociedade. O desejo é esmagado, estratificado em um constante jogo de captura e tentativas de escapes. A partir de Deleuze e Guattari (2011) é possível perceber o quanto os desejos deslocados pelas máquinas capitalísticas³ e pelas estratégias neoliberais associam-se a ideia de falta e, portanto, enfraquecem ou conservam ações políticas e sociais. É possível perceber também o quanto os currículos são instrumentos potentes para que este enfraquecimento e conservação de estudantes e professores aconteça.

Essa ideia do desejo como falta foi produzida pelos mecanismos de captura, de dominação para normalizar o próprio desejo, com a intenção de controlar os nossos corpos, impedindo-nos de nos movimentar, já que, ao desejarmos em um conjunto formado por múltiplos agenciamentos, a nossa potência de agir é aumentada.

O que falta ao aluno e ao professor enfraquece suas ações no âmbito político-social. Tratar o aluno e o professor como personagens desejáveis a partir de descrições curriculares é torná-los imperfeitos e incompletos, e assim, contribuir para uma estratégia eficiente que os molda a favor de uma engrenagem social. Assim, tomar o desejo pela falta é interessante para conservar um modo de existir na modernidade.

³ Guattari acrescenta o sufixo “ística” (o) a “capitalista” pela necessidade de criar um termo que possa designar as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também sociedades que funcionariam como uma mesma política do desejo do campo social, ou melhor, com um mesmo modo de produção de subjetividade e da relação com o outro (GUATTARI; ROLNIK, 2000).

As qualificações necessárias ao aluno e/ou professor desejável parecem ser elementos que faltam aos sujeitos antes mesmo de entrarem no ambiente escolar, seja na formação enquanto aluno, seja na formação profissional do professor sempre responsabilizado pela aprendizagem do outro. Parece que aos personagens escolares *desejáveis* por um currículo de matemática sempre falta algo para que possam ser cidadãos em um mundo moderno. É necessário aprender a ser consumidor consciente, a empreender a própria vida, construir hábitos saudáveis, ser eficiente, manter um corpo e mente ativos para produzir cada vez mais. Trata-se então, de profissionais que nunca estão completos.

Ao currículo cabe completar-lhes com conhecimentos úteis e válidos em uma época. O que se *deseja* formar, então, é algo *que falta* à tais indivíduos. Guattari e Rolnik (2000) reforçam a ideia de que nunca se deseja algo ou alguém, para eles o desejo é sempre conjunto, esse fato também fica evidente em uma entrevista de Deleuze a Claire Parnet, quando destaca que:

Quando uma mulher diz: desejo um vestido, desejo tal vestido, tal *chemisier*, é evidente que não deseja tal vestido em abstrato. Ela o deseja em um contexto de vida dela, que ela vai organizar o desejo em relação não apenas com uma paisagem, mas com pessoas que são suas amigas, ou que não são suas amigas, com sua profissão etc. Nunca desejo algo sozinho, desejo bem mais, também não desejo um conjunto, desejo em um conjunto (DELEUZE, 1997)⁴.

Deslocando para as discussões curriculares, podemos dizer que ao desejar que estudantes sejam cidadãos conscientes, críticos, saudáveis, eficientes, empreendedores etc., deseja-se muito mais do que o estabelecimento de normas morais ou comportamentos isolados, deseja-se a manutenção de uma sociedade, de um modo de existir. A partir dos currículos prescritos, desejamos uma vontade que é produzida por outros, produzida por uma engrenagem neoliberal, que contribui de forma direta ou indireta, no nosso entendimento, com a produção de corpos dóceis.

Há toda uma produção discursiva do sujeito em falta que parece ter capturado a formação de professores, que nos remete ao seguinte questionamento: como escapar do lugar de sujeito em falta? Outra ideia de desejo é possível, assim como outras construções curriculares podem ser inventadas?

Nesse sentido, trazer a questão do desejo para o debate referente a formação do professor de matemática pode ser um potente instrumento para desnaturalizar caminhos percorridos há tanto tempo e para inventar outras formas de formação. Tendo em vista que um currículo, também, está sempre cheio de possibilidades de rompimento das linhas do ser; de contágios que podem nascer e se mover por caminhos insuspeitados; de construção de modos de vida que podem se desenvolver de formas particulares.

É possível desejar um outro currículo para essa formação docente?

Quando tudo parece estar perdido, ou anestesiado por certos tipos de currículos, resgatamos as problematizações de Spinoza (2009), Deleuze e Guattari (2011) ao tecerem uma crítica sobre a falta platônica e psicanalítica.

Um outro desejo curricular é possível? Outra ideia de desejo é possível, assim como outras construções curriculares podem ser inventadas. Nesse sentido concordamos com Paraíso (2015) quando argumenta que não há um método para fazer desejar em um currículo, mas é possível construir no currículo encontros convenientes para fazer crescer a potência da vida.

⁴ Trata-se de uma série de entrevistas concedidas Claire Parnet, filmadas nos anos 1988-1989, que compuseram a produção intitulada O Abecedário de Gilles Deleuze, uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord.

Guattari e Rolnik (2000) questionam o desejo útil, castrado ou enquadrado para a sociedade. Para eles o “desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre modo de construção de algo” (p. 216), portanto outra forma de organizar a sociedade é possível.

É perfeitamente concebível que um outro tipo de sociedade se organize, a qual preserve processos de singularidade na ordem do desejo, sem que isso implique uma confusão total na escala da produção e da sociedade, sem que isso implique uma violência generalizada e uma **incapacidade de a humanidade fazer a gestão da vida**. É muito mais a produção de subjetividade capitalística - que desemboca em devastações incríveis a nível ecológico, social, no conjunto do planeta - que constitui um fator de desordem considerável, e que, aí sim, pode nos levar a catástrofes absolutamente definitivas (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 217, grifo nosso).

Escapar da catástrofe que já está em andamento. *Fissurar os currículos* ao assumir outro conceito de desejo. *Abrir brechas* para personagens escolares desejáveis problematizarem um discurso neoliberal tão presente nos currículos de formação de professores. *Quebrar mecanismos* de subjetividade capitalística (Deleuze e Guattari). *Resistir* ao currículo e aos discursos que podem ser deterministas e que funcionam a favor da produção de corpos dóceis (CLARETO, 2012; GALLO, 2012; GONDIM; MIARKA, 2017). *Romper um regime colonial-capitalístico*, para utilizarmos as palavras de Suely Rolnik (2018, p. 25) “vale assinalar que em sua dobra financeirizada, o regime colonial-capitalístico exerce essa sua sedução perversa sobre o desejo cada vez mais violenta e refinadamente, levando-o a se entregar ainda mais gozosamente ao abuso.

Um movimento possível para não cair na sedução e entregar-se pela falta ao regime colonial-capitalista de Suely Rolnik (2018), é pensar o desejo no campo social e na coletividade. Romper com as concepções habitualmente idealistas do desejo, segundo Carvalho (2016, p. 442)

[...] implica contestar sua lógica nos currículos. Os alunos e professores não se compõem com signos, linguagens, conhecimentos e afetos por déficit ou carência e imaginar isso é muito frequente na perspectiva de aquisição de novas aprendizagens. Alunos e professores se compõem com um desejo, não como a tensão de um sujeito em direção a um objeto (lógica da representação do desejo), e com a sua possessão; com isso, não apenas não nos damos conta da realidade do desejo como tal ou de sua formação, mas também do desejo que ludibria a si mesmo.

Para Guattari e Rolnik (2000), historicamente, foram expressões coletivas de desejo que quebraram formações políticas tradicionais. Neste mesmo sentido, Rolnik (2018) destaca as ocupações dos estudantes em 2015 como exemplo de vontade coletiva que colaboram para a quebra destas formações políticas tradicionais. Um desejo coletivo que visa uma construção comum por meio de criação de diferenças, ou seja, criar fora do discurso habitual.

Nesse sentido, um currículo que pense o desejo como acontecimento, deve afastar-se da intenção de querer a todo custo que um determinado objetivo seja alcançado. Precisa parar de reproduzir e, principalmente, de interpretar. Interpretar o/a aluno/a, diagnosticá-lo/a e classificá-lo/a, então, nem pensar! (PARAÍSO, 2009, p. 280).

Tomar o desejo como produção e criação de gestos, imagens, ideias, ações é também propor novos modos de existência.

Ao mesmo tempo que o desejo pela falta é fabricado pela subjetividade capitalística, o desejo como produção por algum lugar escapa. Ao mesmo tempo que os currículos intencionam fabricar personagens escolares desejáveis, currículos-outros escapam quando o proposto não faz efeito, ou não faz sentido. Na coletividade, personagens escolares deixam de ser desejáveis pelo currículo e passam desejar em suas singularidades, aí então o “desejo cumpre sua função ética de agente ativo da criação de mundos” (ROLNIK, 2018, p. 65).

Apresentamos fissuras de um currículo produzido durante as manifestações em 2015, de uma escola estadual do Triângulo Mineiro, por melhoria de condições, um currículo-outro produzido pelos atravessamentos de desejos. Estagiários(as) do curso de Licenciatura em Matemática, docentes e estudantes da escola e a comunidade local em movimentos coletivos lançam mão de diversas ações para protestar, protestos com duração de quase 58 dias, contra a paralisação da construção da nova sede da escola.

Uma expressão de desejo que reuniu estagiários, a escola e a comunidade local para gritar *não* a um braço da subjetivação capitalista. “Já não há prescrições (faça desse modo), identidades (sou assim), verdades (é isso), pedagogias corretas (deve-se ensinar assim), tranquilidades (aprende-se se fizermos isso ou aquilo) (PARAÍSO, 2010, p. 601).

Fissuras para um Currículo⁵

A escola objeto de discussão neste trabalho foi criada no final de 2010, para atender ao surgimento de núcleos habitacionais em bairros próximos, alguns dos quais o programa Minha Casa, Minha Vida do governo federal. A alternativa encontrada pela Superintendência Regional de Ensino (SRE), para que a escola desse início as suas atividades, foi adaptar a escola no segundo andar de um prédio comercial alugado, localizado a poucos metros de um posto de combustíveis às margens da BR-262. Por conta desta situação a escola, que iniciou suas atividades neste local em 2010, passou comumente a ser denominada por “Escola do Posto”.



Fotografia 1: Onde esses corpos habitam. Fonte: Acervo pessoal de um dos estagiários(as), 2015.⁶

⁵ As escritas aqui publicadas foram retiradas da produção dos estagiários na disciplina de Estágio, utilizou-se as letras EST seguidas de um número – exemplo EST-1. As considerações vêm para completar cenas e narrar situações do movimento engendrado na escola. Fragmentos ou parágrafos despedaçados que dão pistas de currículos movimentados pelo desejo não deslocado pelos dispositivos e máquinas capitalistas.

⁶ Concessão das imagens devidamente autorizadas pelo(a) estudante para o artigo.

No primeiro andar, funcionava um espaço comercial, com lojas de conveniência, farmácia, casa de ração e lotérica e a sala de professores e biblioteca da escola, no segundo andar as salas de aula, a sala da direção e secretaria da escola.

Não tem ventilação, no calor é muito quente. E o que tem sido feito? Nada, ninguém se importa. São alunos de periferia, porque alguém se importaria. Várias notas nos jornais da cidade, pessoal do sindicato veio segundo a diretora veio falar com alunos e pais, mas nada, simplesmente nada tem sido feito. Fico pensando como nós enquanto estagiários poderíamos ajudar, mostrar efetivamente que nos solidarizamos com eles, com suas reivindicações. [...] O que os olhos não veem o coração não sente, a população precisa conhecer a situação da escola. [...] É, e o barulho é difícil para o professor trabalhar (EST-2).

No período em que os alunos desenvolveram o estágio a escola atendia mais de 540 alunos em três turnos, sendo que as crianças do ensino fundamental estudavam no período da tarde. A merenda era preparada em uma sala improvisada no corredor, que também era o pátio dos alunos, neste espaço os estudantes comiam e passavam o tempo do recreio. Como as salas de aula foram improvisadas a partir de salas de escritórios, a escola não possuía banheiros independentes, cada sala tinha seu banheiro o que segundo professores e alunos esse fato ocasionava uma série de transtornos e constrangimentos. Além do constante movimento e do barulho, os professores, alunos e estagiários destacavam o forte cheiro de gasolina e o fato do posto de combustíveis ter sido alvo de dois assaltos.

Após a doação de um terreno em 2014 deu-se início as negociações para a construção da nova sede da Escola do Posto. O fato de o terreno proposto para construção da escola estar localizado distante dos bairros que a escola atendia acabou gerando uma série de manifestações no sentido de que a escola fosse construída em um local estratégico, que pudesse atender a comunidade que majoritariamente se utilizava dos seus serviços. Finalmente as obras tiveram início, contudo faltando cerca de 40% para a conclusão da construção da escola as obras foram paralisadas, sem previsão para retomada, fato que gerou uma série de manifestações que foram acompanhadas pelos estagiários(as) da disciplina de Estágio Supervisionado.

Os(as) estagiário(as) do curso de Licenciatura em Matemática em movimentos coletivos participaram da organização de uma série de protestos que tiveram a duração de 58 dias. Uma expressão de desejo que reuniu pais, alunos, professores, estagiários e a comunidade a gritar *não* a um braço da subjetivação capitalista. Os(as) estagiários(as) foram atravessados pelas lutas daquela comunidade que se movimentou no sentido de que seus filhos(as) pudessem ter um local digno para estudarem.

Foi um choque quando me deparei com a escola a primeira vez. Uma escola em um posto de gasolina, como assim? Já tinha ouvido falar da escola, mas ainda assim foi um choque, quase desisti de fazer o meu Estágio lá. Só levei avante porque já tinha combinado com três amigas, não podia dar para trás. A sala de professores ficava no andar térreo entre a farmácia e loja de conveniência. [...] Os alunos para fazerem as aulas de Edição Física utilizavam uma quadra alugada, para qual eles devem se deslocar cerca de mais de quatro quarteirões. A biblioteca funcionava na sala de professores, não tinha um lugar adequado para o recreio dos alunos, uma coisa surreal, inacreditável. Fiquei pensando se fazer o Estágio nessa escola iria contribuir em que para minha formação, talvez me faça é desistir da profissão, com a qual já não estou muito aaminado (EST-1).

Esses estudantes da escola tentavam mostrar a todos(as) e para quem quisesse ver, que sabem, sentem e veem os problemas da escola/educação que lhes é ofertada. Fugindo das tarefas programadas, da matéria posta os(as) estudantes e estagiários(as) escolhiam, planejavam outras coisas para compor o currículo: oficinas de teatro, literatura, cinema, poesia, debates. A partir de temas como: feminismo, racismo, funk, música, arte ou legislação. Temas que escapam de um currículo que deseja preencher “cidadão críticos e ativos para o mercado de trabalho”.

Aula na rua que loucura! Cadeiras organizadas em uma semi-roda para que todos possam se olhar. Troca de olhares, sensibilidade para o outro corpo, para a outra voz. O barulho dos carros, as buzinas, os olhares curiosos, as pausas de quem pode parar um minuto da corrida rotina para olhar o que, de novo, acontece ali na rua. Alguns gritavam “E isso aí!” outros “Que absurdo!”. Aprovações e reprovações das pessoas que iam passando (EST-5).

Foi vibrante alunos e professores cantando “Eu só quero é ser feliz e andar tranquilamente na favela em que eu nasci, e poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem o seu lugar”. Apresentações culturais, debates tudo isso nos permitiu (re)conhecer os alunos, passei a enxergar esses alunos e professores, antes parece que eu não os via. Fiquei me perguntando por quê? [...] Foi bonito ver a força e a luta dessas pessoas e pensar que fizemos parte disso, que estávamos junto com eles e por eles nesta luta (EST-3).

Construção de um espaço propício aos encontros spinozianos.

Como aponta Gallo (2017, p. 84), “[...] os aprendizados não podem ser circunscritos no limite de uma aula, na audição de conferência da leitura de um livro; ele ultrapassa todas essas fronteiras, rasgam os mapas e podem instaurar muitas possibilidades.

Uma alternativa para escutar tudo mundo que estava lá, atuando durante as manifestações eram as assembleias.

Tudo era assembleia, tínhamos que resolver como agir, como se proteger dos partidos políticos, de todas as organizações que queriam de certa forma se aproveitar da luta ou tomar a frente dela. Tínhamos que decidir as ações, como seriam os protestos, como seriam as aulas, as intervenções artísticas rotinas da semana dia, decidir quem poderia aderir ou não, quem aceitaríamos para aulas voluntárias ou intervenções artísticas. Assembleias que chegavam a horas. Os alunos da escola, professores e nós estagiários usavam este espaço para decisões, mas muitas vezes era também espaço de desabafo. Vi uma outra escola. Por que não podia ser sempre assim? (EST-1).

Criar práticas que partissem das próprias experiências dos alunos, encontros sensíveis. Pensar e discutir junto com eles(as), o que fazer, quais ações, quais atividades, quais experiências, sem modelos prontos. Não acontecia como antes quando se tentava dirigir os acontecimentos para se chegar a algum resultado pré-determinado.

Uma busca caótica de organizar desejos com a intenção coletiva de defender direitos e lutar por um espaço, destinado a eles(as), pertencentes à uma comunidade, pertencentes à mesma região geográfica.

E nós estagiários do curso de Licenciatura em Matemática? Nós lutando para esses alunos não terem que estudar mais naquela escola, com aquela precariedade, em condições terríveis. [...] Enquanto eles lutavam por melhores

condições, exigindo também mais escuta dos seus desejos. Particularmente, sentia-me como uma barata tonta, sem saber que caminho seguir, como prosseguir, como me inserir, o que fazer. Cumprir o estágio ficou em segundo plano, tinha muito mais coisa em jogo (EST-3).

Tínhamos nossas estratégias: filmar tudo, publicar o que estava acontecendo e não deixar que outras notícias fakes ganhassem credibilidade. Estávamos em luta por essa gente, essa comunidade que precisa ser ouvida, que tinha voz, a final todos nós temos algo a dizer e essas pessoas queriam se ouvidas. (EST-4).

Estar na escola de outra maneira, perceber-se nela de outro modo que não foi imposto, é o mote inicial para primeiro, não querer ser mais governado assim e, segundo experimentar conduzindo de outras maneiras menos técnicas e mais ético-afetivas.

[...] Esse é o grande problema da nossa formação não somos preparados para transgredir, resistir, experimentar, agir, lutar [...]. Além disso, nosso currículo não ajuda muito, muita matemática, sempre mais matemática. Acho que tem outras coisas para além do conteúdo que podem nos ajudar a nos tornarmos professor. [...] Desenvolver o estágio nessa escola e da forma como foi jogou por terra todas as certezas que eu tinha com relação a escola, os alunos, a direção. Me lembro de um conselho de um amigo que já se formou “quando chegar a escola não dá entrada para os alunos, chega com a cara séria e fechada, só assim eles vão te respeitar”. E eu acabei cantando e dançando funk (EST-2).

Somos tomados pelo desejo, principalmente quando se trata de situações inéditas que possuem a força de nos impelir a querer. Eles(as) estavam desejos(os)as do alargamento dos limites do possível no currículo. Os(as) estagiários(as) acabaram envolvidos(as) no desejo de criação de outras relações consigo mesmas. Há o desejo de marcar um percurso, processo que abriu espaço para problematizações por parte dos(as) estagiários(as): Que escola essa? Qual o papel do professor? Que Matemática é essa do currículo escolar e da formação? Como estou me tornando professor?

Perguntas que mobilizaram olhares outros e escritas outras que aconteceram, também no espaço da universidade. Escritas outras que também foram produzindo práticas de resistência, micro-revoluções, formação de professores de Matemática outras, que abrem margem para desnaturalizar o *natural*, um aprender pelos afetos, em que se manifesta um pensar que nasce e renasce para liberar a afirmação da diferença. Pois, como sintetiza Pelbart (2014, p. 252), o acontecimento consiste precisamente nisso: “uma mudança de perspectiva, de plano de existência”.

Considerações

A partir de Deleuze e Guattari (2011) percebemos o quanto os desejos deslocados pelas máquinas capitalísticas e pelas estratégias neoliberais associam-se a ideia de falta e, portanto, enfraquecem ou conservam ações políticas e sociais. Foi também possível perceber o quanto os currículos são instrumentos potentes para que este enfraquecimento e conservação de estudantes e professores (*futuros cidadãos críticos*) aconteça.

No entanto, outra ideia de desejo é possível, assim como outras construções curriculares podem ser inventadas. Tomando o exemplo do movimento coletivo de uma escola estadual do Triângulo Mineiro em 2015, nota-se como os desejos produzidos na coletividade podem fissurar a engrenagem neoliberalista, ainda que pontualmente, e dar fluxo à outras criações curriculares. O desejo se construiu maquinando, ou melhor, por agenciamentos entre estagiários(as) e os(as)

professores(as) da escola, estagiários(as) e os(as) alunos(as) da escola, estagiários(as) e demais profissionais que trabalham na escola..., um processo formativo em devir.

Referências

CARVALHO, J. M. Desejo e currículos e Deleuze e Guattari e... *Currículo sem Fronteiras*, v. 16, n. 3, p. 440-454, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/carvalho.pdf>. Acesso em: 04 de jan. 2021.

CLARETO, S. M. A sala de aula e a constituição de um currículo-invenção. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 3, p. 306-321, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss3articles/clareto-nascimento.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2021.

COELHO, D. M.; FARINA, J. T. Entre o moribundo e o embrionário: a escrita delirante. In: COSTA, Luciano B.; FOSENCA, T. M. G. (Org.). *Vidas do fora: habitantes do silêncio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 203-219.

CUNHA, M. A. A. *Guia do tutor: proformação*. 5 ed. Brasília: MEC/FUNDESCOLA, 2004.

DELEUZE, G. *A ilha deserta: e outros textos*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2010.

DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G. *Abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevistadora: Claire Parnet. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV, Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459 min.

GALLO, S. As múltiplas dimensões do aprender. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO. 2012. *Anais...* 2020. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf. Acesso em: 13 dez. 2020.

GALLO, S. *Deleuze & a educação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GONDIM, D.; MIARKA, R. A constituição de um plano de intensidades: aprender e matemática e diferença e escrita-avalanche e... *Perspectivas em Educação Matemática*, v. 10, n. 22, p. 115-131, 2017. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/3359>. Acesso em: 20 dez. 2020.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

PARAÍSO, M. A. Currículo, Desejo e Experiência. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 277-293, 2009.

PARAÍSO, M. A. Diferença no currículo. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 587-604, 2010.

PARAÍSO, M. A. Um currículo entre formas e forças. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 49-58, 2015.

PELBART, P. Por uma arte de instaurar modos de existência que não existem. In: FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. *Como pensar coisas que não existem. Como imaginar coisas que não existem. Como falar de coisas que não existem*. Livro da 31ª Bienal de Arte de São Paulo. São Paulo, 2014. p. 250-265. Disponível em: https://issuu.com/bienal/docs/31_livro_pt. Acesso em: 18 dez. 2020.

ROLNIK, S. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SILVA, M. A. Currículo e Educação Matemática: a política cultural como potencializadora de pesquisas. *Perspectivas da Educação Matemática*, Campo Grande, v. 11, n. 26, p. 202-224, 2018.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, C. *O conceito de desejo na filosofia de Gilles Deleuze*. 2000. 173 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SPINOZA, B. *Ética*. Tradução de Thomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Sobre a autora

Vânia Cristina da Silva Rodrigues. Professora do Curso de Licenciatura em Matemática da UFTM. Bacharela em Matemática e mestra em Matemática pela UNESP e doutora em Educação pela UFSCar.

E-mail: vaniacs.rodrigues@gmail.com.